

11. A Leitura de Textos Literários: o Processo de Construção da Argumentação em Sala de Aula

Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes⁵⁷

Resumo: A presente investigação trata da leitura de textos literários em sala de aula, visando levar o aluno à construção da argumentação na produção textual. Diante disso, através de experiências discursivas no Ensino Médio de uma escola privada do Rio de Janeiro, analisou-se a contribuição de textos literários na construção da argumentação, com a inserção dos textos “A negrinha”, de Monteiro Lobato (2009), e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu (2015). Logo, foi realizada uma pesquisa de campo, a nível explicativo, para verificar o desenvolvimento argumentativo dos sujeitos nas produções textuais antes e após a incorporação dos textos literários. Evidenciou-se que a utilização dos contos literários desenvolveu nos indivíduos a reflexão crítica e argumentativa. Com base nas leituras, os sujeitos puderam refletir não somente a partir do contemporâneo, mas também observando historicamente as questões, constituindo-se assim de uma reflexão crítica, tendo suas ideias afloradas e conseguindo refletir e argumentar sobre os temas propostos.

Palavras-chave: Textos literários; sala de aula; argumentação; produção textual.

Resumen: La presente investigación se ocupa de la lectura de textos literarios en el aula, con el objetivo de llevar al alumno a la construcción de la argumentación en la producción textual. Por lo tanto, a través de experiencias argumentativas en la escuela secundaria en una escuela privada en Río de Janeiro, se analizó la contribución de los textos literarios en la construcción del argumento, con la inserción de los textos "A negrinha", por Monteiro Lobato (2009), y "Esos dos", de Caio Fernando Abreu (2015). Se realizó una investigación de campo, a nivel explicativo, para verificar el desarrollo argumentativo de los sujetos en producciones textuales antes y después de la incorporación de textos literarios. Se hizo evidente que el uso de cuentos literarios desarrolló una reflexión crítica y argumentativa en los individuos. A partir de las lecturas, los sujetos pudieron reflejar no solo lo contemporáneo, sino también observar históricamente los problemas, constituyendo así una reflexión crítica, tocando sus ideas y logrando reflexionar y discutir sobre los temas propuestos.

Palabras clave: Textos literarios; aula; argumentación; producción textual.

⁵⁷Doutorando e Mestrando em Ciências da Educação, pela Universidad Columbia/PY; Especialista em Língua Portuguesa, pela Fundação Educacional Unificada Campograndense e Especialista em Docência do Ensino Superior, pelo Centro Universitário de Maringá; Licenciado em Letras (Português/Espanhol), pela Fundação Educacional Unificada Campograndense e Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Estácio de Sá; Bacharel em Teologia; Docente nas Faculdades Integradas Campo-grandenses e Gestor Pedagógico do Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional; Professor de Língua Portuguesa na Educação Básica. E-mail: jorgeadrihan@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A Literatura está presente na vida escolar de um indivíduo desde que este inicia sua trajetória nas instituições educacionais. De acordo com a BNCC (2017), durante o Ensino Fundamental I e II, os educandos entram em contato com diversos gêneros literários, os quais promovem o desenvolvimento da leitura. Quando ingressam no Ensino Médio, é o momento de ampliarem a reflexão, estudando os períodos literários, perpassando por clássicos, autores e momentos da literatura brasileira.

Na contemporaneidade, os docentes, na disciplina de Literatura, incentivam os discentes a lerem diversos textos e até mesmo os livros paradidáticos, que fazem parte dos programas da disciplina em muitas instituições escolares. Muitos professores trabalham os textos literários em sala de aula, a partir do desenvolvimento da capacidade de interpretação textual dos educandos, com base em uma simples decodificação de palavras. Muitas vezes, a literatura é trabalhada em sala de aula somente ensinando os períodos literários, os estilos e contexto histórico das produções. Logo, o aluno somente memoriza as informações para a realização de uma avaliação. Porém, a literatura vai além da contribuição na competência de compreensão de textos, pois pode promover a capacidade argumentativa de um sujeito.

Seguindo essa perspectiva de desenvolvimento argumentativo, Koch (2010) afirma que a produção textual no ensino médio, a partir do ensino da estrutura da tipologia dissertativa, tem o objetivo de promover nos educandos a capacidade de construção da argumentação, a qual significa expor ideias e concepções, essas que estão estritamente relacionadas à reflexão, já que para construir uma ideia é preciso pensar criticamente, a qual depende de uma base pré-concebida. Logo, os alunos de ensino médio, ao realizarem a elaboração de textos argumentativos, devem ser capazes de refletir sobre os temas propostos, para que se formulem ideias e se construa a argumentação.

De acordo com Fiorin (2016, p.11) “o aparecimento da argumentação, seu uso intensivo, suas codificações fazem parte da marcha civilizatória do ser humano, da extraordinária aventura do homem sobre a Terra”. Logo, essa capacidade é inerente ao ser humano, este só precisa desenvolvê-la, já que se utiliza disso todos os dias, no contato diário com outros indivíduos.

Nesse sentido, muitos educadores indicam leituras de livros, jornais e revistas, para que os alunos possam melhorar a grafia, reflexão e argumentação. Porém, as aulas

de produção textual nas instituições educacionais são lecionadas em tempos de curta-duração, os quais não permitem leituras mais longas em salas de aula. Com isso, muitas leituras são passadas para serem lidas como tarefa de casa.

Sendo assim, o professor não consegue mediar a leitura do aluno e refletir em sala sobre os pontos principais das obras indicadas, visto os tempos de aula, que são curtos. A BNCC (2017) afirma que o professor deve criar mecanismos que favoreçam a reflexão e posicionamentos críticos dos educandos. Logo, pensa-se que a leitura de textos literários, através de contos, possa contribuir na capacidade argumentativa do aluno, com a mediação do professor, o qual pode junto com o educando, levá-lo à construção da argumentação em sala de aula na produção textual.

Diante disso, o presente estudo trata de como a leitura de textos literários deve ser feita em sala de aula, visando levar o aluno à construção da argumentação na produção textual. Percebe-se a relevância da investigação, pois essa leva à compreensão de como a Literatura deve ser trabalhada nas escolas, na busca do desenvolvimento da capacidade argumentativa, chegando à função principal da Educação, que é formar cidadãos críticos e reflexivos. Isso só é capaz a partir desse aperfeiçoamento.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para atender aos objetivos da investigação, de início a pesquisa trata de como deve ser feita a leitura de textos literários em sala de aula, no sentido de promover a reflexão crítica do aluno, a partir da apreensão da realidade e exteriorização de problemáticas, baseando-se em alguns teóricos como Bakhtin (2007), Candido (2006), Koch e Elias (2016), Cosson (2018) e sobre o que trata a BNCC (2017). Em seguida, discorre-se sobre o que é argumentação, no sentido de um sujeito expor uma concepção e dialogar com as problemáticas da sociedade, sendo capaz de produzir textos de caráter argumentativo. Como fundamentos desses conceitos, usa-se Fiorin (2016), Leitão (2013), De Chiaro e Leitão (2005), Charaudeau (2005), Koch e Elias (2016) e Perelman (1999). Por fim, são realizadas experiências argumentativas no Ensino Médio de uma escola privada do Rio de Janeiro, a partir da inserção dos textos “A negrinha”, de Monteiro Lobato (2009), e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu (2015).

Enquanto amostra, são reunidos 20 jovens do Ensino Médio, com idades entre 15 e 17 anos e de ambos os gêneros. Para se analisar os textos produzidos pelos alunos nas atividades práticas e o processo argumentativo no desenvolvimento desses com os textos literários, foi realizado o recolhimento de produções textuais antes e após a inclusão dos contos literários nas elaborações dos textos. Após, feita uma análise discursiva sobre os avanços na capacidade argumentativa dos alunos.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 A Leitura de Textos Literários

Alguns teóricos conceituam Literatura como a arte das palavras, ou seja, a capacidade que um indivíduo tem de, através das palavras, transmitir seus sentimentos, anseios e apreensões. Sendo arte proporcionadora de prazer e alívio de sentimentos do leitor, fazendo que esse desperte em si emoções ao entrar em contato com um texto, reformulando seu pensar.

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2006, p. 113)

A capacidade de conscientizar que a leitura de um texto literário possui é inegável, visto que essa reproduz diversas manifestações. É preciso considerar que, como abordava Bakhtin (2007), o leitor de um texto literário ou o contemplador dessa arte não é um ser passivo, que apenas recebe a comunicação. Os indivíduos recriam e atualizam seus sentimentos, ao entrarem em contato com um texto, mesmo estando em períodos históricos, culturais e sociais distintos.

Logo, a importância do ensino de Literatura, para não somente a construção de visão crítica no educando, mas também para o despertar de suas emoções e sentimentos, para que o educando se posicione diante das leituras e seja capaz de dar uma resposta ao texto, como considera Bakhtin (2007). Pois, a literatura cumpre um papel humanizador, quando torna os homens semelhantes. Escritor, texto e leitor dialogam entre

si, formulando ideias e concepções que são construídas, a partir do próprio contexto de vida de quem lê.

Equivocadamente, o conceito de leitura na maioria das vezes, está reduzido a decifrar os códigos linguísticos e sua aprendizagem meramente interpretativa. Entretanto, não se pode deixar de levar em consideração o processo de formação social dos indivíduos. Pois, no olhar de Koch e Elias (2010, p.11) “a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização”, logo as autoras afirmam que ler é uma construção de significados, em que leitor e autor dialogam em busca da compreensão textual, essa que necessita do conhecimento de mundo de quem lê. Essa questão fica evidente quando Koch e Elias (2010, p.11) afirmam que: “requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo”.

Os docentes, ao trabalharem textos literários em sala de aula, não devem somente realizar uma leitura com os educandos baseada na decodificação de palavras e na interpretação textual, a partir de questionários e compreensão de estilos e épocas. Pois, o ato de ler não está unicamente relacionado ao entendimento do texto, mas também ao conhecimento que o leitor tem do mundo. É esse fator que dá vida ao texto. Segundo Cosson (2018, p.26) “não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária”. Pois, ler vai além de atividades pontuais realizadas em sala de aula ou fora dela. Dessa forma, esse ato de ler é, de acordo com esse autor, relevante “[...]. no sentido de que lemos apenas com nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário”. (p.27)

A leitura não deve ser uma atividade na qual os docentes incumbem os alunos de lerem e interpretarem diversos textos em suas casas ou em leituras individuais em classe. Pois, essa atividade precisa ser compartilhada. Os leitores precisam expor seus sentimentos, suas emoções e impressões ao lerem uma obra literária e toda esta ação culminará em um trabalho mais eficaz no ensino de literatura. Quando os educandos partilham suas experiências ao entrarem em contato com um texto, expressam também sua própria cultura e contexto de vida, pois antes mesmo de lerem a palavra, eles já realizaram uma leitura de mundo.

De acordo com Bakhtin (2007, p.27) “[...] cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”, pois toda palavra quando utilizada em um segmento textual vem carregada de sentidos, esses que devem ser desvendados pelos leitores. Essa é a função da leitura na vida de um indivíduo: levá-lo a desvendar e construir sentidos. Logo, para Bakhtin (2007) “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”.

A cada trecho lido, a cada parágrafo compreendido pelo leitor, esse realiza diversas interações com as questões sociais. De acordo com Freire (2013), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Com isso, entende-se que o indivíduo adquiriu muito aprendizado através de suas vivências em sociedade, e tais vivências podem ser diferentes do que ele adquiriu no mundo da escolarização.

A leitura de vários textos literários não adiantará se apenas forem decodificadas as palavras sem compreender o verdadeiro significado que elas possuem.

o texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um “tecido” organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico. Concilia-se nessa concepção de texto ou na ideia de enunciado de Bakhtin, abordagens externas e internas da linguagem. O texto enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico. (BARROS, 2003, p. 1)

O texto deve ser desvendado pelo educando, de modo a buscar sua significação, essa que será de acordo com cada realidade, já que a literatura se reinventa diariamente. Cosson (2018, p.27) afirma que “O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”.

Observa-se que no processo de leitura o leitor recorre a muitos conhecimentos, que vão desde o conhecimento do mundo até os conhecimentos adquiridos no espaço escolar. Koch (2010) também afirma que os leitores recorrem a muitas estratégias no que diz respeito à construção de sentido. Ler transforma as pessoas. Nesse sentido, Cosson (2018) afirma que o professor como mediador deve criar possibilidades de uma leitura que proporcione diversas interações ao sujeito, pois assim fará “uma busca plena de

sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos”. (p.29). A comunicação entre autor e leitor promove nos sujeitos uma expressão de sensações, essas que são imensuráveis.

A Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2017), como um documento que norteia e regulamenta as aprendizagens essenciais de um educando, bem como as competências que este deve desenvolver ao longo de sua vida escolar em todas as áreas de conhecimento, apresenta o ensino de Literatura na Educação Básica, discorrendo como essa disciplina deve ser desenvolvida no aluno, as capacidades que devem promover a este e as funções que esta área possui na vida escolar.

Dessa forma, de acordo com a BNCC (2017, p. 13) “cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos”, pois a escola precisa ter a percepção de que esses elementos afetam a vida humana em escala local, regional e global. Logo, devem ser inseridas atividades contextualizadas.

O ensino de literatura é mais do que ler diversos textos, mas é promover no sujeito uma consciência de mundo. Logo, o aluno deve desenvolver o seu pensar a partir da literatura. Os textos literários não são somente para uma interpretação textual, mas para uma aproximação do aluno com o autor e uma reflexão de sua própria realidade. A partir disso, compreende-se que, de acordo com a BNCC (2017), essas demandas exigem que as escolas de Ensino Médio ampliem as situações de forma que o ensino de literatura proporcione aos indivíduos um pensar sobre seu próprio contexto de vida, fazendo com que “os jovens aprendam a tomar e sustentar decisões, fazer escolhas e assumir posições conscientes e reflexivas, balizados pelos valores da sociedade democrática e do estado de direito”. (p.477)

Sendo assim, é preciso que a Literatura seja trabalhada pelos docentes, seguindo a BNCC (2017), no que concerne à educação literária, para que as práticas pedagógicas nesta disciplina possam ir além de um conteúdo pré-programado e da simples leitura e interpretação de textos. Pois, de acordo com Cosson (2018) o objetivo é integrar o aluno à cultura.

3.2 Argumentação

Os homens no convívio em sociedade estão sempre refletindo e argumentando, isso porque a vida em sociedade exige dos indivíduos esta prática. De acordo com Fiorin (2016), argumentar é uma construção que tem a finalidade de persuadir, ou seja, convencer a outros de uma determinada ideia ou ação. Logo, as comunidades possuem em sua base o diálogo, o qual tem sua fundamentação na argumentação, já que os indivíduos estão sempre convencendo e dialogando no cotidiano, desde as questões mais simples às mais complexas.

Nessa perspectiva, Charaudeau (2005, p. 12) salienta que “todo ato de linguagem emana de um sujeito que gera sua relação com o outro (princípio de alteridade) de maneira a influenciá-lo (princípio de influência)”, sendo assim toda construção discursiva objetiva a persuasão, de modo a promover o convencimento. Dessa forma, percebe-se que Fiorin (2016) apresenta a argumentação como prática de vida dos sujeitos, de maneira generalista, enquanto que Charaudeau (2005) como princípio para persuasão.

Em sala de aula, os docentes precisam estar preparados para as situações argumentativas, que segundo Leitão (2007), podem se apresentar de maneira planejada ou imprevista. Muitos momentos escolares favorecerão o desenvolvimento argumentativo do educando, e o educador deve estar atento para essas ações, de modo a ampliar as capacidades argumentativas dos sujeitos. Na atual Linguística Textual, Koch e Elias (2016) afirmam que os quereres e os saberes dos indivíduos estão envolvidos no ato de argumentar, o qual desde cedo é aprendido pelos sujeitos. Pois, as pessoas estão sempre se justificando e apresentando razões para suas escolhas e comportamentos.

Segundo De Chiaro e Leitão (2005) as produções discursivas podem atuar de maneira pragmática, argumentativa e epistêmica. Na primeira, os docentes desenvolvem condições para uma prática argumentativa, através de discussões e olhares críticos sobre o currículo. A segunda refere-se à ampliação da argumentação através de dúvidas, contra-argumentos, respondendo às objeções em sala de aula. Já na terceira, há o resgate de informações e conceitos relativos ao tema trabalhado.

Portanto, o discente precisa compreender que todos os seus discursos são argumentativos. A interação com outros permite aos sujeitos expressarem seus mais diversos anseios e influenciarem a outros, a partir de seus pontos de vistas ou opiniões. O homem como um ser racional a todo instante argumenta.

De acordo com Koch (2004) as interações sociais possuem base estritamente argumentativa, pois “como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor” (p.17). Logo, por mais que muitas vezes os indivíduos não percebam, eles estão sempre argumentando. O homem como sujeito social que para Koch (2004) “[...] por meio do discurso tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões”. (p.17).

A linguagem permite ao indivíduo realizar diversas construções para atingir seus anseios. Desde quando se é criança, a argumentação está presente na vida de um sujeito, pois o choro também é uma forma de argumentar e conseguir o que deseja. Nas distintas relações sociais, este ato se faz presente. Quando se chega ao discurso escrito, nas produções textuais, só quando o aluno reflete criticamente, poderá, então, construir a argumentação, já que é essa parte da reflexão crítica.

Partindo da concepção de que a argumentação está atrelada ao convencimento e à reflexão crítica, em um discurso escrito, o aluno precisa defender seu ponto de vista sobre o tema proposto, com o objetivo de convencer o leitor de que sua opinião ou ponto de vista é aceitável. O discente precisa organizar suas ideias e apresentá-las, a partir de uma base, de uma reflexão crítica. Pois, quando o educando assim o faz, a argumentação torna-se mais propícia de persuasão, já que terá uma base.

Ao abordar a persuasão na argumentação, Fiorin (2016) afirma que “persuadir é levar o outro a aderir ao que se diz. A eficácia de um ato de comunicação reside na aceitação do que expôs o emissor” (p.77), logo a concretização do discurso se dá quando esse chega ao convencimento e para esse autor “[...] a primeira é o procedimento por meio do qual se mostra a verdade de uma conclusão ou, ao menos, sua relação necessária com as premissas; em que se trabalha com provas, cuja validade independe das convicções pessoais”. (p.77)

Dessa forma, considera-se uma argumentação bem construída aquela que consegue convencer o leitor das opiniões apresentadas, ou seja, é possível de aceitação. O convencimento do ponto de vista parte do que não pode ser recusado, daquilo que é demonstrado e evidenciado, a partir de uma base. Em uma argumentação, Perelman (1999) afirma que “a demonstração, em sua forma mais perfeita, é uma série de estruturas e formas cujo desenvolvimento não poderia ser recusado” (p. 369).

Portanto, ao construir uma argumentação, é preciso refletir a partir da criticidade, a partir de uma base pré-concebida, pois quando os pontos de vistas são apresentados com bases, não há como recusá-los. Porém, quando a argumentação é formulada a partir das concepções do próprio formulador, baseada em suas construções ideológicas, essa fica mais suscetível à recusa, não chegando à persuasão.

Percebe-se que a construção da argumentação não é baseada em quem constrói, mas a quem se destinam os argumentos. Pois, muitas vezes esses podem ser falsos, mas a partir do momento em que são oportunos ao outro e lhe parece justo, são favoráveis de aceitação. Segundo Perelman (1999), a argumentação visa a aceitabilidade da tese apresentada e que o ato de convencer está condicionado à razão, por meio de um raciocínio lógico e de provas objetivas, pois assim atinge a um público universal.

A argumentação precisa ser trabalhada nos segmentos textuais a partir da apresentação daquilo que se pode identificar e é comum tanto ao que escreveu quanto ao que lerá. Portanto, a defesa de uma ideia não poderá ser baseada em valores, visto que esses se modificam ao longo do tempo e são condicionados aos indivíduos, à subjetividade. Ao trabalhar a argumentação com os alunos, os docentes precisam fazê-los enxergar além de suas próprias convicções, para olhar as convicções do outro e buscar uma base para nortear seu ponto de vista.

Segundo Charaudeau (2008), o indivíduo para argumentar precisa apresentar e organizar suas ideias, bem como estruturar seu raciocínio para que possa defender uma tese ou um ponto de vista. Portanto, argumentar é um ato extremamente sistemático, que visa persuadir o outro.

Diante disso, é possível evidenciar o quanto o ato de argumentar é relevante na produção textual, no que concerne a tipologia dissertativa, para que se chegue a uma argumentação aceitável e possível de persuadir o leitor. Os discentes devem ser preparados para refletir criticamente sobre os fatos, organizá-los e apresentá-los de modo coerente e sistemático.

Para construção da argumentação, segundo Koch e Elias (2017), é preciso haver uma tese que provoque uma indagação nos interlocutores, de forma que quem argumenta gere argumentos que legitimem sua concepção, a qual deve estar intrinsicamente ligada a quem se dirige. Pois, o objetivo do ato de argumentar é levar o outro a aceitar ou partilhar das mesmas convicções.

Compreende-se, portanto, que os sujeitos, na construção de um texto argumentativo, devem focar no outro ao escrever, de maneira a estruturar de forma lógica seu raciocínio. Pois, o poder da fala provém, segundo Bourdieu (2004, p. 111) “das condições institucionais de sua produção e de sua recepção”. Portanto, argumentar é tornar a recepção do que se diz aceitável.

As capacidades linguísticas dos sujeitos lhes permitem recorrer a diversas combinações e construções, para que possam transmitir seus pensamentos, de maneira que o leitor compreenda. Percebe-se, portanto, que a produção textual se caracteriza pelas referências de mundo que o redator possui e pela expressão de seus sentimentos e emoções, visando tornar suas ideias plausíveis.

Koch e Elias (2017) abordam que falar de texto é falar de sentidos e que esses são construídos entre autor, leitor e texto. Portanto, toda produção textual possui uma base argumentativa. Nas aulas de produção textual, os professores costumam propor temas de escrita para os alunos, esses que possuem uma problemática. Portanto, o aluno precisa diagnosticar o problema envolvido, quando este não está explícito e construir o seu texto, organizando a exposição da argumentação.

Logo, compreende-se que para desenvolver um texto deste caráter é necessário refletir criticamente sobre a problemática, para que se construa uma argumentação baseada em argumentos que são plausíveis e aceitáveis, de acordo com Koch e Elias (2017).

O discente precisa encarar a argumentação como além de uma organização de vocábulos e pensamentos. Este necessita enxergá-la como o reflexo dos conhecimentos armazenados durante sua trajetória. Pois, todos os conhecimentos são importantes e devem ser valorizados durante a construção da argumentação na produção textual e estes podem ser o marco inicial da problematização, do olhar para o todo e assim identificar a base do que foi proposto.

3.3 A Leitura de Textos Literários na Construção da Argumentação em Sala de Aula

Para verificar as contribuições da Literatura no processo de construção da argumentação dos sujeitos, foram utilizados dois contos: “A negrinha”, de Monteiro Lobato (2009), e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu (2015). Estes contos foram

escolhidos, pois possuem uma forte crítica social e evidenciam momentos e situações complexas da história, logo seriam capazes de desenvolver ainda mais a reflexão. O primeiro texto literário traz a reflexão em relação às questões raciais e ao preconceito velado. O segundo, também nesta perspectiva, leva o leitor a pensar sobre as relações homoafetivas e o preconceito ainda existente em muitos.

Diante disso, para realizar análise do desenvolvimento da competência argumentativa, foi proposto aos indivíduos a produção de textos sobre a temática “*As relações raciais no Brasil*” e “*As relações homoafetivas*”. Após, os contos foram inseridos, a partir de uma leitura baseada no letramento literário e na participação dos indivíduos. Foi feita uma roda de leitura, segundo a perspectiva de Cosson (2018), na sequência básica, a qual é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Logo, os sujeitos receberam os textos literários, foram motivados a exteriorizarem a primeira impressão que tiveram desses, a partir do título, depois foram introduzidos ao período histórico das obras. Após, juntamente com o pesquisador, com sua mediação, realizaram a leitura, podendo a todo momento expressarem suas concepções em relação às narrativas. Todas as discussões eram efetuadas dentro da roda, o que corroborava para um aumento na formulação da criticidade e concepção de ideias próprias pelos indivíduos, pois entravam em contato com outros, que ao lerem o mesmo texto, tiveram impressões diferentes.

Percebeu-se que durante toda a atividade de leitura, os indivíduos começaram a refletir sobre tudo que estava sendo narrado e compartilhavam o que sentiam ao ler. Depois, foram instigados a produzirem textos argumentativos sobre as mesmas temáticas propostas inicialmente. Antes dos contos literários, os sujeitos não conseguiram desenvolver argumentos plausíveis, nem uma reflexão crítica nos textos. Uma das participantes, antes da inserção dos contos literários, não escreveu, pois não conseguira realizar a construção da argumentação. Porém, após a leitura, logrou a realização da atividade, como pode ser observado:

Fontes mostram que o Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo mesmo em 2011 permitindo os casamentos. Analisando essas situações, comprovamos que as relações homoafetivas no Brasil são muito mal vistas e julgadas por pessoas com falso moralismo e falta de respeito com o próximo. (PARTICIPANTE EST, 2019)

De modo a resguardar a confidencialidade dos sujeitos, são utilizadas as abreviações em seus nomes. No trecho apresentado, a participante recorre a um fato ocorrido no ano de 2011 para construir sua argumentação, que de acordo com Koch e Elias (2017) é uma das formas de se apresentar as concepções de forma convincente, quando o indivíduo se volta a fatos históricos. Dessa mesma forma, outros sujeitos da pesquisa construíram a argumentação.

Ao recorrer a fatos históricos, os sujeitos desenvolvem bases para sua argumentação e demonstram reflexão crítica em relação ao assunto, pois não somente observa o contemporâneo, mas a partir de um recorte histórico do tema. Percebe-se que os sujeitos conseguiram contextualizar as produções, chegando à argumentação ao relacionar os períodos históricos.

Quando os participantes da pesquisa realizam essa assimilação entre o passado e o presente, há a construção da argumentação, pois segundo Fiorin (2016, p. 122) “uma maneira de definir é aproximar ou diferenciar um objeto de outros”. Este pensamento histórico foi promovido pela leitura dos contos, que aproximaram as realidades de autor e leitor. Isso é o que orienta a BNCC (2017) para o ensino de Literatura: aproximação da realidade.

Percebe-se que o conhecimento epistêmico promovido pela leitura foi capaz de desenvolver a argumentação dos indivíduos. Pois, antes da leitura dos contos literários, os discursos escritos não possuíam um desenvolvimento da argumentação, como no trecho da participante Sop (2019): “Sabe-se que as relações raciais no Brasil são diversas ou em qualquer outro país irá ter essa relação, essa desigualdade de raça, ou seja, o preconceito”.

Nesta abordagem, antes da inserção dos contos, a argumentação não foi construída, visto que não foi apresentada uma concepção em relação ao fato, nem mesmo uma solução. Somente foi evidenciado o tema, sem refletir criticamente sobre ele, ou seja, sem um olhar a partir da base do problema, como afirma Koch e Elias (2016). Logo, todas as produções textuais sem a leitura dos contos, apresentaram abordagens desse cunho. Além de apresentar uma visão em relação ao fato, dentro da argumentação, segundo Fiorin (2016) é importante a apresentação de dados para promover a persuasão, ou seja, fatos, para que as concepções fiquem mais plausíveis de aceitação.

Percebeu-se que os sujeitos conseguiram chegar a esta competência, como demonstrado no trecho da participante Bea (2019): “No Brasil, existem mais de 60 mil casais homossexuais, número este considerável e que pode ser muito maior ao se considerar aqueles que omitiram sua orientação sexual em razão do preconceito que enfrentam no dia a dia”. Dessa mesma forma, outros sujeitos construíam a argumentação, objetivando, com os dados apresentados, levar o leitor ao convencimento do problema que estavam abordando. Quando os participantes se utilizam de dados, não há como serem refutados, tornando sua concepção mais provável de aceitação. Pois, de acordo com Koch e Elias (2017, p. 34), “argumentar pressupõe intencionalidade e aceitabilidade”.

Percebeu-se também que nas produções textuais, alguns participantes, citaram os autores ou os próprios contos como base para seus argumentos, como visto também nesta produção do participante Rny (2019): “desde os anos 80 pessoas sofrem com esse julgamento. Podemos fazer um embasamento a partir do texto “aqueles 2” de Caio Fernando Abreu”. Essa construção também gera aceitação e torna a persuasão fundamentada, pois ao se utilizar de autores consagrados para abordar uma questão, a argumentação é construída de maneira mais eficaz. Pois, os contos demonstram uma problemática que já existia na sociedade em outros tempos.

No conjunto de estratégias usadas para começar uma argumentação, a exemplificação é usada com a finalidade de fazer o leitor rememorar fatos ou acontecimentos que giram em torno do tema em discussão. Além disso, com essa estratégia também se pretende mostrar a relevância do assunto discutido e consequentemente, ganhar a atenção do leitor. Outra estratégia usada no começo de uma argumentação é apresentar como o conceito sobre algo foi sendo remodelado ao longo do tempo. (KOCH & ELIAS, 2016, p.176).

Após os contos, muitos indivíduos apresentaram concepções históricas como início da argumentação da participante Lari (2019): “Ainda hoje em dia o negro é considerado bandido ou favelado, já o branco não, o racismo não é um assunto novo. Há autores que falam sobre o racismo há mais de cem anos”. Dessa forma, todos os sujeitos, após a inserção dos contos, conseguiram desenvolver a argumentação, de maneira a possuir introdução, desenvolvimento e conclusão, pois de acordo com Fiorin (2016) um texto argumentativo possui esse caráter.

Nesta perspectiva, percebeu-se que as produções textuais não só progrediram no desenvolvimento da argumentação, mas também no encerramento dessa, pois antes os textos não apresentaram uma solução para o problema, ou seja, não tinham uma conclusão. Porém, depois observou-se uma evolução nesta competência. O participante Bru (2019) deixou isso bem evidente, pois antes dos contos, encerrou o texto, que tratava das relações homoafetivas, da seguinte maneira: “sociedade é outra, sendo assim, na normalização do relacionamento e casamento gay está cada vez mais normal”.

Não houve nesta construção um encerramento do assunto abordado, já que a conclusão segundo Fiorin (2016) deve apresentar uma solução para o que está sendo abordado. Após a leitura do conto, o participante Bru (2019) encerrou na seguinte forma: “Esse problema poderia ser resolvido com o desenvolvimento de leis e de órgãos específicos para combater esses casos”. Percebe-se que nessa construção o sujeito realizou uma reflexão crítica do assunto, pois foi além de apresentá-lo, mas demonstrou uma forma de solucioná-lo, evidenciando que os contos contribuíram para que este desenvolvesse uma reflexão crítica do tema.

A argumentação foi possível, pois os sujeitos foram inseridos no tempo e no espaço das narrativas, logo foram estimulados a desenvolverem hipóteses sobre as problemáticas e refletirem criticamente sobre os temas propostos, constituindo-se em uma educação global, como cita a BNCC (2017). A partir disso, compreende-se que a solução emerge de hipóteses. Dessa mesma forma, outra participante também demonstrou uma evolução no encerramento, pois antes não havia conseguido desenvolver seu texto, mas após, a participante Vit (2019) apresentou soluções para o problema: “A solução para isso seria, além de tratados desde criança e os grandes debates em casa, escola, a criação minuciosa de leis e projetos que projetam esse grupo e puna aqueles que fazem mal para eles”.

Diante disso, compreende-se que além de argumentar em relação ao assunto que foi proposto, os participantes conseguiram encerrá-lo, evidenciando a perspectiva de Fiorin (2016) e seguindo a estrutura de texto dissertativo, o qual deve ser finalizado segundo Koch e Elias (2017, p. 210) “apresentando uma clara e objetiva maneira de resolver a questão”. Portanto, evidencia-se a capacidade dos contos no desenvolvimento da reflexão crítica e argumentativa.

Nas produções, após a utilização dos contos, observa-se também uma sequência dos fatos, ou seja, tanto no tema das relações raciais no Brasil, quanto no tema das relações homoafetivas, os participantes apresentaram ideias já conhecidas, para depois colocarem suas concepções, como verificado na produção do participante Juv (2019):

Relações raciais ocorrem no Brasil há muito tempo atrás, só que essas “relações” não eram amigáveis. Épocas antes da lei áurea tinha-se o costume de terem negros escravizados [...] Mesmo após a Lei Áurea, podemos ver traços da presença de escravizados no Brasil, como cita Monteiro Lobato, no conto “a negrinha”. (JUV, 2019)

Ao abordar a questão elucidando fatos que já são conhecidos pelos leitores, como a época da escravidão, a participante da pesquisa constrói sua argumentação. No olhar de Koch e Elias (2017, p.85) “o autor remete a algo que já está presente na memória do leitor e, considerando essa base, vai acrescentando informações novas, que, por sua vez, passarão também a constituir suportes para informações subsequentes”, trazendo os leitores para próximo de seu texto, favorecendo a persuasão, pois assim o autor pode garantir a progressão no texto, a fim de que seu projeto de dizer se concretize de forma coerente e imprima a orientação argumentativa desejada.

Diante disso, compreende-se que houve uma progressão no segmento textual, além da demonstração da construção da argumentação, a qual fundamentou-se a partir de uma reflexão crítica. A partir das atividades práticas, foi possível evidenciar que os contos literários contribuem na produção textual, no sentido de auxiliarem no processo de construção da argumentação. Pois antes da inserção deles, os sujeitos não progrediram em seus textos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se, a partir da investigação, que a leitura de textos literários contribui no processo de construção da argumentação em sala de aula, pois aproximam os leitores da realidade. Dessa forma, ao ler um conto, os indivíduos realizam a assimilação do contexto descrito na narrativa com a realidade vivida por eles. Sendo assim, o pensar é desenvolvido, pois durante a leitura, sentimentos e emoções são geradas pelo leitor, fazendo-o refletir sobre todas as problemáticas envolvidas no enredo da história, posicionando-se socialmente e criticamente.

Torna-se perceptível essa questão, pelo fato de a Literatura refletir todo o contexto histórico vivido por um autor. Logo, esse expressa, através das palavras seu sentimento, emoção e crítica em relação à sociedade, da qual participou e desenvolveu seu texto. Diante disso, quando um indivíduo entra em contato com os textos literários, poderá perceber que o mundo retratado pelo autor muitas vezes equipara-se ao dele, logo fará uma reflexão, assumindo posições conscientes e reflexivas.

Nesta perspectiva, compreendeu-se que a argumentação é o ato de expor concepções e visões em relação às diversas situações da vida. O homem está o tempo inteiro praticando a argumentação, pois esta faz parte do convívio em sociedade. Logo, a todo instante, os sujeitos argumentam, pois essa é a base de qualquer discurso. A partir disso, identificou-se que uma argumentação é construída com base em uma reflexão crítica, a qual consiste na explanação de concepções fundamentadas, não ideologicamente, ou seja, a partir de um grupo ou enxergando somente o próprio contexto social. Mas, a partir de uma visão ampliada, enxergando o todo e não o particular. Logo, quando uma argumentação é desenvolvida com base em uma reflexão crítica, a aceitação e o convencimento são gerados, ou seja, alcança-se a persuasão.

Por meio das atividades práticas de produção textual, a partir da inserção dos contos literários, evidenciou-se que estes desenvolveram nos indivíduos a reflexão crítica e argumentativa. Pois, a partir da leitura dos contos literários, os sujeitos puderam refletir não somente com base no contemporâneo, mas também observando historicamente as questões, constituindo-se assim de uma reflexão crítica. Percebeu-se que os contos promoveram o engajamento para a produção textual dos sujeitos, os quais por meio desses tiveram suas ideias afloradas, conseguindo refletir e argumentar sobre os temas propostos. Logo, contos literários podem ser agregados ao cotidiano das aulas de produção textual, contribuindo no processo de construção da argumentação dos sujeitos.

Diante do exposto, salienta-se a relevância do estudo não só por sua contribuição em tema de grande interesse da comunidade científica da contemporaneidade, mas também por realçar e comprovar que a leitura de textos literários em sala de aula contribui no processo de construção da argumentação dos indivíduos.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. *Aqueles dois*. In: *O melhor de Caio Fernando Abreu*. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BNCC, *Base Nacional Comum Curricular* (2017). Recuperado de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>.

BOURDIEU, Pierre. *O que falar quer dizer: A Economia das trocas simbólicas*. Sergio Micelli (org.), 5. ed. Perspectiva: São Paulo, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

_____. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. *A Literatura e a Formação do Homem*. In: revista Remate de Males, Unicamp: Campinas, 1999. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/issue/view/357>.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

DE CHIARO, Sylvia; LEITÃO, Selma. *O papel do professor na construção discursiva da argumentação em sala de aula*. Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v.18, n.3, 350-357, 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três gêneros que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCK, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Escrever e Argumentar*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LEITÃO, Selma. *Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco*. Pro-Posições (UNICAMP, Impresso), v.18, p.75-92, 2007.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca azul, 2009.

PERELMAN, Chaïm. *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.